

MÉDICO, CRAQUE EM DOIS CAMPOS
DOCTORS: ROCKING BOTH FIELDS

Antonio Marcos de Andrade *

Dá para imaginar um jogador de futebol cursando a rigorosa faculdade de medicina, junto com treinos, jogos e viagens? No mundo do futebol, não é comum um profissional da bola ter uma formação, uma faculdade e, ainda mais, algo que mereça tamanha dedicação como a medicina.

Muitos atletas acabam desistindo de ampliar o conhecimento em outras áreas pelo pouco tempo disponível para o lazer. São tantos os dias em concentrações, que alguns momentos importantes não podem ser presenciados.

Herbella, médico e jogador do Ferro Carril da Argentina diz que foi difícil, mas seguiu seu objetivo. “Difícil. Tive que deixar muitas coisas (festas, aniversários, viagens) porque não tinha tempo de fazer outra coisa que não fosse estudar ou jogar.”

No Brasil não são poucos os casos de jogadores de futebol de projeção que se tornaram médicos. Em passado não muito remoto tivemos os exemplos de Nariz, Domingos, Afonsinho, Sócrates e incluímos entre esses o grande craque Tostão, campeão do mundo em 70, que somente se dedicou ao estudo de medicina após deixar prematuramente o futebol por problemas de saúde, como é sabido. Nariz e Domingos são exemplos especialmente marcantes de jogadores que abandonaram o futebol em plena forma, ainda atuando com brilho especial em seus times, e mesmo em seleções, e que poderiam, se quisessem, continuar por um bom tempo. No entanto, formaram-se e deixaram as quatro linhas, passando a dedicar-se à medicina, na qual, igualmente, foram muito bem sucedidos. Afonsinho e Sócrates pararam de jogar quando viram que tinham completado seus ciclos nos campos.

Em um passado mais distante, na década de 30, um zagueiro, marcador duro e às vezes violento e que compôs a defesa do Botafogo, conhecida como “Esquadrão da Cavalaria”, Álvaro Lopes Cançado, o Nariz, nasceu em Campo Florido, na época distrito de Uberaba (MG), no dia 8 de dezembro de 1912. Jogou no Tupi de Juiz de Fora, Atlético Mineiro, Seleção Mineira, Fluminense, Botafogo e Seleção Brasileira. Em 1940, aconteceu a inauguração do Departamento Médico do Botafogo confiado à sua direção. Este foi o primeiro Departamento Médico de um clube de futebol no Brasil. Para ser médico do Botafogo, Nariz tinha um contrato simbólico. Formado pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, tornou-se ortopedista conceituado. Em 1954, foi instalada a Escola de Medicina de Uberaba. Nariz foi seu primeiro professor. Essa escola deu origem à atual Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Participou do movimento para criação da Sociedade Brasileira de Médicos de Futebol, em maio de 1977. Em 19 de setembro de 1984, suicidou-se com um tiro no peito, na sua fazenda em Campo Florido, sem que se soubessem as razões de tão inesperado gesto. Deixou dois filhos, ambos médicos.

Na década de 50, o zagueiro Domingos Fernandes Sernada, também marcador duro e às vezes violento, nasceu em Santos (SP), no dia 23 de março de 1930. Como quase todos os garotos, desde pequeno já corria atrás de uma bola. Na faixa dos 16 aos 18 anos, o moço já era tricampeão juvenil pelo Campeonato Juvenil em Santos, defendendo o JAC - Jabaquara Atlético Clube. O jovem atleta ia se destacando nos campos. Devido às suas qualidades, em 1948, ingressou no time profissional, onde jogou durante cinco anos pelo Jabaquara e cinco anos pelo São Bento de Sorocaba. Dr. Domingos foi

também campeão brasileiro pela Seleção Universitária Paulista, em Belo Horizonte, no ano de 1952. Formado pela Faculdade de Medicina de Sorocaba, na II turma de médicos em 1957, tornou-se um otorrinolaringologista conceituado, radicado em Araras (SP) desde 1958, onde reside e trabalha até hoje.

Na década de 60, revela-se um meia de grande habilidade e precisão nos passes, dribles e arremates, Afonso Celso Garcia Reis, o Afonsinho, que nasceu em Marília (SP), no dia 3 de setembro de 1947. Foi revelado pelo XV de Jaú em 1962, tendo sido transferido para o Botafogo em 1965, onde foi campeão várias vezes. Também atuou pelo Santos, Flamengo, América MG, Madureira e Fluminense. Sua principal marca foi sua eterna briga com a “cartolagem” e técnicos, numa época que “estudante era para estudar”, “jogador de futebol para jogar futebol”. Afonsinho ficou famoso por ser um dos primeiros jogadores a se rebelar contra a situação do atleta na época em que atuava, considerado um “escravo dos dirigentes e empresários” por não ser dono do próprio passe, portanto reivindicava o passe livre para os atletas, sendo um pioneiro na conquista desse direito. Hoje exerce a profissão para a qual se formou pela Faculdade de Medicina da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, trabalhando como médico-psiquiatra do Instituto Pinel, onde realiza um trabalho de esporte, recreação e lazer como complemento do tratamento psiquiátrico.

Nessa mesma década de 60, tínhamos um meia-atacante que pegava a bola no meio de campo, levantava a cabeça e caminhava com a bola como um maestro, Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, que nasceu em Belo Horizonte (MG), no dia 25 de janeiro de 1947. Jogou no Cruzeiro, Vasco e Seleção Brasileira. Foi um dos melhores jogadores brasileiros de todos os tempos. Técnico, rápido, habilidoso, dono de uma visão de jogo privilegiada e muito inteligente, Tostão foi um meia-atacante completo, desses que sabem fazer gol e também colocar os companheiros em condições de fazê-lo. Devido ao problema com o descolamento de retina, anunciou o final de sua carreira em 1973, com apenas 26 anos. Ainda muito jovem, Tostão dedicou-se aos estudos e, em 1975, passou nos vestibulares da Faculdade de Ciências Médicas e da Escola de Medicina da UFMG. Optou pela segunda e formou-se em medicina (clínica geral) em 1981. Passou 21 anos, de 1973 a 1994, estudando e praticando a arte médica, obsessivo no tratamento dos doentes, dando aulas de semiologia e responsável por uma enfermagem na Santa Casa de Belo Horizonte. Durante anos se afastou totalmente do mundo do futebol, reaproximando-se mais de uma década depois, para trabalhar como comentarista e cronista esportivo. Sua visão do futebol continua ampla e precisa.

Na década de 80, temos outro meia-atacante aclamado pela sua habilidade e inteligência, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, o Doutor Sócrates ou Magrão, que nasceu em Belém (PA), no dia 19 de fevereiro de 1954, e faleceu em 4 de dezembro de 2011. Jogou no Botafogo (SP), Corinthians,

Fiorentina, Flamengo, Santos e Seleção Brasileira. Foi revelado pelo Botafogo, clube de Ribeirão Preto, onde foi considerado um fenômeno desde o início, pois quase não treinava em função de frequentar o curso de medicina na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Sócrates só aceitou jogar para valer depois que se formou na faculdade de medicina. Fora do futebol, Sócrates sempre manteve uma ativa participação política, tanto em assuntos relacionados ao bem-estar dos jogadores quanto aos temas correntes do país. Sócrates exerceu a medicina, além de ser colunista da Revista Carta Capital e comentarista do Programa Cartão Verde, da TV Cultura.

Todos esses craques médicos na sua juventude moldaram um ideal de si mesmo e o que queriam ser. Mas, certamente, todos proferiram aquelas palavras mágicas, “eu quero ser um médico” e se envolveram na colorida fábrica da história da medicina. Uma fábrica de ideais, sabedoria, esforços e realizações.

Esses nossos colegas participaram da história do futebol, que é uma atividade lúdica apaixonante, e foram talentos vitoriosos naquela arte e também o são na ciência e na arte de prevenir e curar as doenças, que é a nossa bela e apaixonante arte médica. O futebol perdeu os craques médicos, e a Medicina ganhou médicos craques.

CRAQUES NUM CAMPO SÓ



Time dos alunos da 1ª, 2ª e 3ª turmas da Faculdade de Medicina de Sorocaba (O Compressor). Da esquerda para a direita (em pé): Prado, Enio Maia, Domingos, Hélio Grilo, Aguiar, Roque, Caran e Newton; (agachados): Magnani, Amirys, Paulo Assis, Edgard Belmont, Queiroz.